



<http://dx.doi.org/10.30681/23588403v14i0104>

## A MUTIMODALIDADE PRESENTE NO CONTO E RECONTO DE HISTÓRIAS POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Ana Claudia Reis BITTENCOURT (UFR)<sup>1</sup>  
Adinael Jr. Pereira da TRINDADE (UFR)<sup>2</sup>  
Clésia Guimarães dos SANTOS (UFR)<sup>3</sup>

Data de recebimento: 09/09/2020

Data de aceite: 19/11/2020

**Resumo:** O presente artigo foi resultado do trabalho de conclusão de curso de especialização em Atendimento Educacional Especializado e Psicomotricidade. Por se tratar de uma especialização voltada ao atendimento educacional especializado, esse artigo teve por objetivo mostrar a multimodalidade presente nos contos e recontos realizados por pessoas e/ou crianças com deficiência. Na realização da pesquisa, optou-se pela revisão bibliográfica. Percebemos a existência de poucos trabalhos discutindo multimodalidade e deficiência. Em nosso estudo, analisamos resultados de pesquisas feitas com públicos distintos, sendo participantes: criança com deficiência sensorial visual, sem patologias associadas, bem como participantes adultos com deficiência intelectual na qual apresentam diferentes níveis de deficiência. Visando uma melhor estruturação teórico-metodológica, essa pesquisa alicerçou-se nas ideias de autores como Marcuschi, Nascimento, Marconi e Lakatos, Araújo e outros. Ao concluir o estudo, percebemos que os sujeitos fizeram usos que vários aspectos multimodais, bem como a leitura de imagens. Outro ponto importante, foi a possibilidade de compreender como a linguagem está atrelada a gesticulação e como o uso desses aspectos multimodais se fazem presentes nos contos e recontos de narrativas realizadas por pessoas com deficiências.

**Palavras-chave:** Multimodalidade. Deficiências. Conto e reconto. Histórias infantis.

**Abstract:** This article was the result of the conclusion of a specialization course in Specialized Educational Assistance and Psychomotricity. As this is a specialization aimed at specialized educational assistance, this article aimed to show the multimodality present in tales and retellings made by people and / or children with disabilities. In conducting the research, a bibliographic review was chosen. We noticed that there are few studies discussing multimodality and disability. In our study, we analyzed results of research carried out with different audiences, being participants: children with visual sensory disabilities, without associated pathologies, as well as adult participants with intellectual disabilities in which they have different levels of disability. Aiming at a better theoretical and methodological structuring, this research was based on the ideas of authors such as Marcuschi, Nascimento, Marconi and Lakatos, Araújo and others. Upon completing the study, we realized that the subjects made uses of various multimodal aspects, as well as reading images. Another important point was the possibility of understanding how language is linked to gesticulation and how the use of these

<sup>1</sup> Especialista em Atendimento Educacional Especializado e Psicomotricidade, Universidade Federal de Rondonópolis, Rondonópolis, Brasil, [anabitt\\_gga@hotmail.com](mailto:anabitt_gga@hotmail.com).

<sup>2</sup> Mestre em Geografia, Universidade Federal de Rondonópolis, Rondonópolis, Brasil, [adinaelgga@hotmail.com](mailto:adinaelgga@hotmail.com).

<sup>3</sup> Especialista em Atendimento Educacional Especializado e Psicomotricidade, Universidade Federal de Rondonópolis, Rondonópolis, Brasil, [clesiaguimaraes@hotmail.com](mailto:clesiaguimaraes@hotmail.com).



multimodal aspects are present in the tales and retellings of narratives made by people with disabilities.

**Keywords:** Multimodality. Shortcomings. I tell and retell. Children's stories.

## 1- Introdução

O surgimento da linguagem foi um marco na história da humanidade, tendo constituído as bases do desenvolvimento intelectual e social do “ser” humano, por meio da comunicação. De forma genérica, podemos afirmar que a linguagem consiste no sistema simbólico utilizado pelo ser humano com o objetivo de comunicar-se com seus pares, expressando emoções e pensamentos/ideias, ação que só é possível pela existência de um código comum aos pares, que permite a comunicação.

Para um estudo mais eficiente da linguagem podemos dividi-la em linguagem verbal, caracterizada pela utilização de palavras, tanto na comunicação oral quanto escrita e linguagem não verbal, que engloba os demais recursos utilizados na comunicação, mas que não envolvem necessariamente o uso de palavra, como imagens, símbolos, gestos, expressão facial e corporal, entonação de voz, entre outros.

Desse modo, considerando a presença da multimodalidade no reconto de histórias infantis recontadas por pessoas com deficiência, surgiu a indagação que norteou o objetivo geral da presente pesquisa: Investigar os aspectos multimodais que contribuem para significação em narrativas orais de reconto de histórias. E a partir dessa indagação, tivemos como objetivos específicos: Verificar e analisar os recursos multimodais encontrados nos contos e recontos de histórias por pessoas com deficiência, bem como identificar quais aspectos multimodais foram utilizados por elas ao contarem e recontarem as histórias.

Desse modo, por meio do presente estudo percebemos como a multimodalidade está presente no conto e no reconto das narrativas, independentemente se a deficiência é sensorial visual ou intelectual. Os sujeitos fizeram usos de vários aspectos multimodais como a pantomina, a gesticulação, a produção verbal, as variações prosódicas, bem como também, a leitura de imagens que proporcionou a eles o amor pelo livro e pela leitura.

Nessa perspectiva, nossa proposta de pesquisa foi realizar uma revisão bibliográfica sobre quais estratégias multimodais pessoas com deficiência visual e intelectual utilizavam nos contos e recontos de histórias. O interesse em estudar tal temática surgiu a partir do contato com a disciplina de Introdução à Linguística no curso de Letras-Língua Portuguesa e por



perceber que existem poucos trabalhos relacionados a multimodalidades aplicadas ao conto e reconto de narrativas por pessoas com deficiência.

O gênero oral contação de história propicia um caminho para descobertas dos aspectos multimodais que ocorrem quando a criança/adulto faz uma releitura da história, agregando ao reconto novos elementos ou suprimindo partes da história, construindo assim sua própria versão da narrativa que concomitantemente explora a multimodalidade, de modo que a linguagem oral e gestual estabelecem uma relação intrínseca.

Portanto, a realização de novos estudos, debates e questionamentos sobre o assunto, podem contribuir para o melhor entendimento da multimodalidade da linguagem cada vez mais presentes no processo de comunicação. Assim, pretendemos com esse artigo realizar uma reflexão científica acerca do tema, contribuindo para uma maior discussão e entendimento a respeito do assunto.

## **2- Uma visão geral acerca da(s) deficiência(s): um panorama histórico**

Os registros históricos revelam a existência de pessoas com diversos tipos de limitação seja física, sensorial ou cognitiva, ao longo de toda a história da humanidade. No entanto, Guge (2007) afirma que não existe um indicador que comprove como primeiras sociedades humanas lidavam com as pessoas com deficiência. “Tudo indica que essas pessoas não sobreviviam ao ambiente hostil da Terra” (GUGE, 2007, p.1).

Na visão de Garcia e Maia (2012) durante a antiguidade e a idade média as pessoas que possuíam alguma deficiência eram tratadas de duas formas distintas: sendo rejeitadas por alguns, onde tal rejeição os faziam matar as crianças que nasciam com qualquer deficiência, tal acontecimento também ocorria em outras culturas. E protegidas por outros, como os cristãos que as acolhiam e que ao mesmo tempo conseguiram com que fossem vistas e tratadas pela sociedade de forma mais humana. Nesse sentido, os autores comentam que

[...] Tal mudança deveu-se ao próprio conteúdo da doutrina cristã, voltado para a caridade, humildade, amor ao próximo, para o perdão das ofensas, para a valorização e compreensão da pobreza e da simplicidade da vida. Estes princípios encontraram respaldo na vida de uma população marginalizada e desfavorecida, dentro da qual estavam aqueles que eram vítimas de doenças crônicas, de defeitos físicos ou de problemas mentais. A influência cristã e seus princípios de caridade e amor ao próximo contribuíram, em particular a partir do século IV, para a criação de hospitais voltados para o atendimento dos pobres e marginalizados, dentre os quais indivíduos com algum tipo de deficiência (GARCIA; MAIA, 2012, p. 5).



Nesse cenário, podemos inferir que a Igreja Católica, grosso modo, conseguiu proteger e cuidar de crianças/adultos acometidos com alguma anormalidade, que por causa da deficiência eram consideradas a escória da sociedade. Porém, por influência dos princípios cristãos da Igreja, os mesmos passaram ser tratados de forma mais humana, diferente de como ocorria anteriormente.

Conforme os autores, essa influência permitiu a criação de hospitais que além de acolherem pessoas pobres, também tratavam de pessoas com deficiência. “Dentre os hospitais daquela época destinados ao acolhimento de pessoas com deficiência, destaca-se a fundação do primeiro hospital para pessoas cegas, criado por Luiz IX (1214-1270)” (DICHER; TREVISAM, [200?], p. 9).

Contudo, nota-se um paradoxo, pois segundo Garcia (2012), a mesma Igreja que outrora os acolhera e os protegera, passou a perseguir as pessoas que apresentavam deficiência mental severa e más formações, pois para eles, estes estavam sendo castigados por Deus e, portanto, eram perseguidos, discriminados, maltados e até mortos (GARCIA; MAIA, 2012).

No Egito antigo ao contrário dos gregos, romanos, espartanos que assassinavam as crianças que apresentavam alguma deficiência, os egípcios, segundo Dicher e Trevisam ([200?]), não praticavam esse tipo de crime, visto que, as pessoas que portavam algum tipo de anomalia se misturavam com as demais camadas sociais, sem nenhum problema. “As artes, os túmulos, os papiros e as múmias revelam que a deficiência não consagrava impedimento para as mais diversas atividades desenvolvidas pelos egípcios” (GUGEL, 2007, p. 2).

Destarte, entre a era antiga e medieval podemos dizer que haviam não somente aqueles que rejeitavam e muitas vezes matavam as pessoas que tinham deficiência, mas também, existiam culturas que cuidavam e integravam essas pessoas a sociedade.

Entre os séculos XVI e XVII a deficiência começou a ser vista não mais como um castigo e a partir disso,

Em diferentes países europeus, foram sendo construídos locais de atendimento específico para pessoas com deficiência, fora dos tradicionais abrigos ou asilos para pobres e velhos. A despeito das malformações físicas ou limitações sensoriais, essas pessoas, de maneira esporádica e ainda tímida, começaram a ser valorizadas enquanto seres humanos (GARCIA; MAIA, 2012, p. 6).

Nos séculos seguintes, o cuidado com pessoas que possuía alguma anomalia foi se intensificando, e entre os séculos XIX e XX, os EUA voltou seu olhar não somente para os feridos de guerra que por consequência da guerra acabavam mutilados, mas, também passaram a dar atenção as crianças que por algum motivo eram deficientes, desenvolvendo formas de reabilitação voltada as especificidades de cada indivíduo (GARCIA; MAIA, 2012).



Em suma, no Brasil a trajetória das pessoas com deficiência não foi diferente. De acordo com Garcia e Maia (2012), os mesmos faziam parte da classe dos miseráveis. Nesse sentido, podemos deduzir que no Brasil, as pessoas que eram acometidas por alguma deficiência viviam de forma subumanas, sendo excluídas do convívio social.

Para Figueira (2008), no Brasil as pessoas que possuíam alguma deficiência sofriam por causa de sua condição em três proporções:

1º- **A exclusão e/ou a morte de pessoas com deficiência praticadas por algumas tribos indígenas-** A exclusão acontecia quando a criança e/ou adulto adquiria algum tipo de anomalia que limitasse seu funcionamento físico-motor ou afetasse o funcionamento sensorial como a fala, a audição, a visão, por exemplo. Essas pessoas eram excluídas da tribo e deixadas a própria sorte. E ao nascer, se a criança apresentasse qualquer deformidade era morta ou abandonada para morrer. (GARCIA; MAIA, 2012).

2º - **Por meio de maus tratos sofridos, os escravos africanos frequentemente eram mutilados-** Nesse contexto, as punições desde o “açoite à mutilação, era[m] previstas em leis e contavam com a permissão (e muitas vezes anuência) da Igreja Católica. Talvez o número de escravos com deficiência só não [foi] maior porque tal condição representava prejuízo para o seu proprietário [...]” (GARCIA; MAIA, 2012, p. 7).

Vale ressaltar, que assim como os curandeiros indígenas, os “negrofeiticeiros” também acreditavam que crianças nascidas com alguma anomalia estavam sofrendo punição e/ou condenação (FIGUEIRA, 2008). Tal comportamento encontrado em várias culturas foram influenciados por questões sociais e culturais de cada grupo.

O 3º aspecto apontado pelo autor, foram as **doenças que se manifestavam em meio aos europeus que vieram para o Brasil**. Por não estarem acostumados com o clima tropical e com insetos existentes no país, os colonos portugueses se contaminavam e acabavam desenvolvendo doenças, nos quais, em alguns casos tais doenças se tornavam graves deixando-os com inabilidades motoras ou sensoriais (FIGUEIRA, 2008).

Somente entre os séculos XIX e XX que começou haver no Brasil uma mudança em relação tratamento dispensado as pessoas deficientes. Como aconteceu nos Estados Unidos, a mudança ocorreu no Brasil devido aos conflitos militares. Tal situação fez com que autoridades como o então general Duque de Caxias preocupado com as mutilações recorrentes dos soldados durante o período de guerra, manifestassem ao governo Imperial a necessidade de cuidar dos enfermos. (FIGUEIRA, 2008). E partir desse ato, surge o “Asilo dos Inválidos da Pátria, [no qual] seriam recolhidos e tratados os soldados na velhice ou os mutilados de guerra, além de ministrar a educação aos órfãos e filhos de militares” (FIGUEIRA, 2008, p. 63).



Como bem coloca Figueira (2008), até a primeira metade do século XX o tratamento dispensado a pessoas com deficiência era tido como assuntos de natureza doméstica, contudo, a partir da segunda metade do século XX, nota-se uma crescente participação do estado no tratamento dispensado as pessoas com deficiência.

No século XXI com a promulgação da Constituição Federal em 1988, mudanças começaram a surgir a favor das pessoas com deficiências. Os art. 205 e art. 206 da Constituição, a título de exemplo, determina que “a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família,” [bem como garante] em um dos seus princípios a “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (RODRIGUES; LIMA, 2017, p. 22).

Seguindo esse norte, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9.394/96 foi criada com o intuito de garantir o direito de educação a todos, incluindo as pessoas com deficiência. Nesse sentido, constatamos que as pessoas com deficiência conseguiram conquistar direitos que antes não tinham, principalmente na área que corresponde a Educação. Porém, apesar de haver leis que procuram incluí-las na sociedade, ainda há um grande desafio pela frente para que tal inclusão ocorra de fato. É possível perceber que em pleno século XXI, o preconceito em relação ao que é diferente ainda é motivo de exclusão pela sociedade.

### **3- Metodologia adotada na pesquisa**

No desenvolvimento da pesquisa é importante a elaboração de um referencial metodológico condizente com a proposta, uma vez que a metodologia pode ser considerada o “caminho” a ser percorrido na realização da pesquisa, ou seja, como o trabalho científico será construído, facilitando assim a visualização do desdobramento do mesmo.

Nesse trabalho propomos realizar uma pesquisa bibliográfica, visto que a finalidade dessa pesquisa “é colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...]” (MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 57).

Nesse sentido, ainda segundo as autoras, a pesquisa bibliográfica “não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 57). Por esse motivo, a revisão bibliográfica é a mais indicada para a nossa pesquisa.

### **4- As implicações das deficiências no emprego da multimodalidade**

Após uma rápida pesquisa bibliográfica, percebemos que ainda há poucos trabalhos que envolvem multimodalidade e deficiência. Nesse sentido, em nosso estudo, traremos resultados



de pesquisas feitas com públicos distintos, sendo participantes: criança com deficiência sensorial visual, sem patologias associadas, bem como participantes adultos com deficiência intelectual na qual apresentam diferentes níveis de deficiência.

Como sabemos, somos seres constituídos de singularidades e devido a individualidade de cada um, os aspectos multimodais apresentados pelo público participante por meio dos contos e recontos de histórias infantis também foram diferentes.

No tocante a criança com deficiência visual, devido seu comprometimento sensorial, a mesma se utilizou de outros sentidos como a audição e o tato para suprir a falta da visão. Nesse sentido, a “audição possibilita detectar sons emitidos, que permite que o indivíduo conheça a voz do interlocutor e as características prosódicas da fala, como entonações específicas, variações de altura e de velocidade [e] o tato favorece o contato físico com os objetos externos” (FONTE; CAVALCANTE, 2010, p. 57).

Diante do exposto, fica evidente a importância da utilização desses canais para a criança cega, pois é a partir deles que consegue interagir e se comunicar. Para verificar quais aspectos multimodais a criança utilizaria para se expressar, foi contado e recontado três histórias infantis: Chapeuzinho vermelho de Charles Perrault; os três porquinhos de Josep Jackobs e branca de neve escrito pelos irmãos Grimm. Por se tratar de uma criança, as histórias sofreram modificações antes de serem contadas (NASCIMENTO, 2015).

Os contos foram gravados tendo-se incluído sons semelhantes a barulhos, passos, risadas, etc., para que as narrativas pudessem ter sentido para a criança. Após a coleta e análise dos dados, a autora percebeu que a criança cega ao recontar as histórias, assumia o papel ora de narrador, ora de personagem, ao mesmo tempo que realizava movimentos com o corpo que segundo Goldin-Meadow e Iverson (2001 *apud* NASCIMENTO, 2015, p. 43) comprova que “a presença da gesticulação não depende da capacidade visual”, bem como caracteriza aspectos multimodais, visto que a mesma usou mais de um recurso, como a fala e os gestos.

A autora observou, que em todos os contos a criança cega seguiu o mesmo roteiro, com começo, meio e fim padronizados, da mesma maneira que levou em conta a estrutura da narrativa, composta de introdução, enredo, clímax e desfecho. Ao recontar as narrativas, conforme apareciam falas das personagens e barulhos por exemplo, a criança se respaldou no plano prosódico que consiste em duração do tempo; intensidade vocal, altura, velocidade de fala, pausa, ritmo, tom e entonação.

Alguns desses aspectos prosódicos supramencionados, foram averiguados nos recontos da criança, tais como a intensidade vocal, a velocidade de fala, pausas durante as narrativas e as qualidades vocais. Segundo a pesquisadora a criança utilizou da *velocidade da fala* para fazer



as aberturas dos contos, que “caracteriza como efeitos físicos causados na produção da fala, ou seja, acelera-se para atingir uma velocidade normal e, no final da frase apresenta uma desaceleração” (CAVALCANTE, 1999 *apud* NASCIMENTO, 2015, p. 16).

A respeito do uso da *intensidade vocal*, a pesquisadora observou que a criança usou ora de intensidade mais forte, ora mais fraca para demonstrar a mudança de personagens. Logo, ao realizar essa façanha, a mesma recorreu da pantomina vocal pois houve a modificação da fala (NASCIMENTO, 2015).

Segundo Nascimento (2015), enquanto narrava as histórias, a criança realizou vários movimentos com o corpo e tais movimentos acompanhavam o fluxo de sua fala. Nesse sentido, podemos verificar que a fala e os gestos são inseparáveis, uma vez que há uma relação de complementaridade, possibilitando uma comunicação eficaz, sendo considerados multimodais pelo fato de haver pelo menos duas formas de representações, neste caso “gestos/fala”.

Ainda segundo a pesquisadora, a criança também recorreu ao uso de *pausas* que normalmente é uma interrupção breve de um movimento ou ação, que foram usadas durante os recontos com o intuito de “[...] segmentar a fala, separando as ações sequenciais” (GAGLIARI, 1992, p. 139), ou melhor, dividir a fala separando cada etapa da ação.

Dessa forma, a pesquisadora concluiu que a criança cega apoiou-se em suportes como alguns aspectos prosódicos, a pantomina e a gesticulação conjuntamente com a linguagem para recontar as histórias. Diante dessas afirmações, Marcuschi (2003), defende que quando ocorre o uso da fala, a mesma ativa outros meios que estão interligados a ela como os gestos, os movimentos do corpo e a mímica, de maneira que podemos considerar esse conjunto de representações multimodais, por existir mais de um tipo de representação acontecendo ao mesmo tempo.

Contos e recontos de histórias também foram o foco de pesquisas realizadas com adultos com deficiência intelectual. A abordagem feita pela a pesquisadora foi bem parecida com a anterior, porém, com alterações, visto que a mesma não procurou identificar os elementos multimodais presentes no conto e reconto. No entanto, a partir da leitura do estudo realizada pela pesquisadora foi possível perceber a presença, de forma indireta da multimodalidade. Desse modo, analisamos a multimodalidade presente nesses contos e nos recontos realizados por alunos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAIE), localizada na cidade de Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte.

A pesquisadora realizou 13 encontros com seu público alvo. Nesses encontros, ela obteve dos sujeitos 41 contos; 69 recontos e 3 contos criados em coletividade. Segundo Araújo (2015), as 7 últimas narrativas foram realizadas por meio de desenhos produzidos pelos





mesmos. A partir dessa coleta de dados, a investigadora buscou por intermédio dos contos e dos recontos, investigar sua influência no desenvolvimento do sujeito com deficiência intelectual. Contudo, nosso interesse está voltado nas estratégias multimodais utilizados pelos “apainos” nos contos e recontos das narrativas infantis e, portanto, nos ataremos a esse assunto.

Para a realização dos contos e recontos, foram usados pela autora, livros diversos de literatura infantil. É sabido que os livros infantis, possuem capas e ilustrações bem coloridas para chamar a atenção do leitor. Pois as imagens presentes na capa, bem como o colorido da mesma podem influenciar a escolha do livro.

Maria Elisa de Araújo Grossi, em sua tese de doutorado intitulada *a literatura infantil pelo olhar da criança*, explica o porquê desse interesse. Em sua pesquisa, ela percebeu que “as crianças observavam a estética da capa como se o conteúdo interno do livro dependesse dessa forma de apresentação inicial do texto” (GROSSI, 2018, p. 71). Tal escolha era feita pela criança, a partir da imagem da capa que mais despertava seu interesse podendo ser algum bichinho ou algum desenho, etc. (GROSSI, 2018). Segundo a autora, “a utilização de cores variadas nesse paratexto e a presença de imagens próximas ao universo infantil despertavam na criança o desejo de ler a obra” (GROSSI, 2018, p. 71).

O livro infantil como um todo, nos chama a atenção não somente pelo seu colorido, mas também por um outro elemento contido nele. Tal elemento, em termos simplistas, é a multimodalidade. Podemos encontrar os aspectos multimodais desde a capa do livro à última página contida nele. A capa do livro é composta de cores, imagens e vocábulos, bem como seu interior. A fonte utilizada, as cores das letras, as ilustrações e relevos, entre outros elementos tornam o livro multimodal. Nesse sentido, na visão de Silva (2008) qualquer texto pode ser multimodal, mesmo que só tenha caracteres textuais (sem imagens). “O simples destaque do título, os usos de diferentes tipos de letras, tamanho, e cor, tornam qualquer texto escrito multimodal” (SILVA, 2008, p. 3).

Para tanto, antes de os sujeitos com deficiência intelectual contar e recontar as histórias, a multimodalidade já se fazia presente no momento em que os livros eram escolhidos e lidos, visto que o livro em si é multimodal. A linguagem não verbal também foi empregada quando sujeitos da pesquisa utilizaram da imagem de um quadro e de desenhos produzidos pelos mesmos como forma de comunicação. A partir dessas imagens, as pessoas com deficiência intelectual criaram suas próprias narrativas de forma conjunta e individual.

Desse modo, “a leitura de imagens representa a singularidade do sujeito leitor, uma vez que, ao narrar o que se vê, aparecem marcas de suas experiências anteriores, de seus desejos



e conhecimentos sobre a imagem em questão, em um processo dinâmico e inacabado de produção de sentido” (ARAÚJO, 2015, p. 88).

Nessa perspectiva, Araújo (2015) concluiu em sua pesquisa que os deficientes intelectuais conseguiram ter uma interação melhor e um melhor desenvolvimento quando os contos e recontos aconteciam em conjunto e com a presença de ilustrações. Ainda segundo a autora, a

leitura de imagens é uma ponte para que o sujeito desenvolva seu potencial linguístico e se torne um leitor de palavras, mas até esse momento acontecer, os nossos sujeitos atuam como porta-voz das ilustrações contidas nos livros de literatura infantil e estes, ao desenvolverem suas habilidades enquanto leitores, estimulam sua criatividade e entram no mundo mágico do simbólico, esse Outro desconhecido e no mundo do outro, que lhe é semelhante e no qual ele encontra algo de si. (ARAÚJO, 2015, p. 116).

Diante disso, podemos afirmar que a leitura de imagens é capaz de possibilitar as pessoas com deficiência intelectual um melhor desenvolvimento, visto que desperta suas habilidades de leitores, facilitando a interação deste com o mundo.

Ao concluir a investigação, a autora constatou um avanço significativo dos mesmos em relação ao contato com livro e a leitura. No começo da pesquisa, eles tinham dificuldades para recontar as histórias e com o desenvolvimento dos encontros, foram evoluindo, chegando não mais precisar da intermediação direta da pesquisadora para contar ou recontar as narrativas. A aproximação com livro, os levou a sentir prazer em ler e recontar os contos. Os deficientes intelectuais tiveram um auxílio de suma importância que os ajudou a evoluir. Esse auxílio foram as imagens.

Segundo Araújo (2015, p. 136), o método de interpretar as imagens contidas nos livros, desenhos e quadro, possibilitaram aos sujeitos vê-las como “‘falantes’ e, ao ‘escutá-las’, reproduziam o que ‘ouviam’ e viam, com palavras, sons e gestos, dando vida ao que antes não era sequer percebido”, unindo a fantasia a elementos que traziam da sua realidade, criando suas próprias narrativas.

## 5- Considerações finais

Ao realizar a revisão bibliográfica, percebemos como a multimodalidade está presente na quase totalidade das atividades humanas, visto que por meio desta as pessoas com (e sem) deficiência ampliam os usos da língua.



A linguagem e a comunicação são inerentes a constituição do humano enquanto “Ser”, de modo, que sem elas a própria conceituação do ser humano, como ser social, constituinte e construtor da sociedade ficaria comprometida. Assim, é possível afirmar que a linguagem, aqui compreendida como códigos indispensáveis à comunicação, constitui-se como um dos principais fatores “humanizantes” conforme afirma Heidegger (2000) “A linguagem é a casa do Ser”.

Diante dos resultados, no tocante as pessoas com deficiência intelectual, nota “a formação dos sujeitos enquanto leitores literários, uma vez que eles se reconhecem e assumem o lugar de leitor, tomando posse da autoridade de conduzir alguns momentos de contos e recontos de histórias” (ARAÚJO, 2015, p. 138). Outro ponto importante, foi a possibilidade de perceber a estreita relação entre a linguagem e a gesticulação e como o uso desses aspectos multimodais estão presente nos contos e recontos de narrativas realizadas por pessoas com deficiência.

Nesse sentido, McNeill (1985 *apud* FALCÃO, 2014) defende a ideia de que a linguagem oral e gestual, estão interligadas e, portanto, não podem separar-se. A partir desta compreensão de que a língua sempre opera de forma multimodal, podemos dizer que a linguagem gestual e oral é formada de um único sistema linguístico e dessa forma não podem dissociar-se.

No entanto, o presente artigo não pretende esgotar o tema, mas contribuir para uma reflexão mais crítica acerca do assunto. Sugerimos estudos posteriores sobre multimodalidade aliado a deficiências.

## Referências

ARAÚJO, Jesiane Maria de Sena. **O conto e o reconto de histórias como forma de desenvolvimento do sujeito com deficiência intelectual**. 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2015. Disponível em:

[http://www.uern.br/controldepaginas/defesas2015ppgl/arquivos/3856dissertacao\\_de\\_jesiane\\_maria\\_de\\_sena\\_araujo.pdf](http://www.uern.br/controldepaginas/defesas2015ppgl/arquivos/3856dissertacao_de_jesiane_maria_de_sena_araujo.pdf). Acesso em: 01 mar. 2020.

DICHER, Marilu; TREVISAM, Elisaide. A jornada histórica da pessoa com deficiência: inclusão como exercício do direito à dignidade da pessoa humana. PUC, São Paulo, SP, [2007]. Disponível em: <http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=572f88dee7e2502b>. Acesso em: 05 jan. 2020.



FALCÃO, Rosineide Costa. **Multimodalidade e produção de sentidos em narrativas orais infantis**. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco, 2014. Disponível em: [http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/808/1/rosineide\\_costa\\_falcao.pdf](http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/808/1/rosineide_costa_falcao.pdf). Acesso em: 09 ago. 2019.

FIGUEIRA, E. **Caminhando no silêncio**: uma introdução à trajetória das pessoas com deficiência na História do Brasil. São Paulo: Giz, 2008.

FONTE, R.; CAVALCANTE, M. Situações dialógicas entre mãe e filho cego em aquisição da linguagem: relações de não-sintonia. In: CAVALCANTE, M. (Org.). **Modalidade em aquisição da linguagem**. [S. l: s. n.], 2010.

GAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, SP, v. 23, p. 137-151, 1992.

GARCIA, Vinicius Gaspar; MAIA, Alexandre Gori. A inclusão das pessoas com deficiência e/ou limitação funcional no mercado de trabalho brasileiro em 2000 e 2010 – Panorama e mudanças em uma década. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 18, Lindóia, SP, 2012. **Anais...** Lindóia, SP: ABEP, 2012. Disponível em: <http://livrozilla.com/doc/536031/%E2%80%9Ca-inclus%C3%A3o-das-pessoas-com-defici%C3%Aancia-e-ou---abep>. Acesso em: 08 jan. 2020.

GERHADT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2019.

GOSSI, Maria Elisa de Araújo. **A literatura infantil pelo olhar da criança**. 2018. 253 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://docplayer.com.br/141136159-Universidade-federal-de-minas-gerais-faculdade-de-educacao-maria-elisa-de-araujo-grossi-a-literatura-infantil-pelo-olhar-da-crianca.html>. Acesso em: 04 abr. 2020.

GUGEL, Maria Aparecida. **Pessoas com Deficiência e o Direito ao Trabalho**. Florianópolis: Obra Jurídica, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **O Ser e o Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa. In: \_\_\_\_. **Técnicas de pesquisa** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita**: atividade de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.



NASCIMENTO, Christiane Gleice Barbosa de Farias. **Multimodalidade em narrativas de relato de histórias: um estudo de caso de uma criança cega**. 74 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco, 2015. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/813>. Acesso em: 09 ago. 2019.

RODRIGUES, Ana Paula Neves; LIMA, Cláudia Araújo de. A história da pessoa com deficiência e da educação especial em tempos de inclusão. **Interritórios**. Caruaru, PE, v. 3, n. 5, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interritorios/article/view/234432>. Acesso em: 10 abr. 2020.

SILVA, Gisele gama. Multimodalidade na sala de aula: um desafio. **PUC**. Rio de Janeiro, RJ, p. 1-15, 2008. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/12655/12655.PDFXXvmi=>. Acesso em: 06 abr. 2020.